

**SIGNIFICADO DA DROGA PARA UNIVERSITÁRIAS****MEANING OF DRUGS FOR UNIVERSITY****SIGNIFICADO DE LA DROGA PARA UNIVERSITARIAS**

Jamila Souza Gonçalves¹, Eliza Maria Resende Dázio², Silvana Maria Coelho Leite Fava³, Elisa Carneiro Pereira⁴, Andrea Cristina Alves⁵

RESUMO

Objetivo: compreender o significado da droga entre universitárias. **Método:** estudo qualitativo, respaldado na abordagem teórico-metodológica Etnografia fundamentada na Antropologia Interpretativa de Geertz. Fizeram parte deste estudo 19 universitárias de uma instituição pública de ensino. **Resultados:** da interpretação dos dados, emergiram os seguintes temas <<O simbolismo da droga>>, <<O simbolismo da não droga>>. O álcool, o tabaco e os inalantes foram citados como não sendo drogas. Fizeram a distinção entre “droga forte” e “droga fraca” até então não evidenciados em outros estudos. **Conclusão:** embora, para o senso comum, o ingresso no ensino superior esteja relacionado ao crescimento profissional, existe um outro lado que as instituições de ensino não podem negligenciar. Compete à universidade a educação não apenas para a autonomia profissional, mas também para o respeito pelas escolhas e o acolhimento, a escuta e os encaminhamentos. **Descritores:** Estudantes; Etnografia; Usuários de Drogas.

ABSTRACT

Objective: to understand the meaning of drugs among university students. **Method:** qualitative study, supported by the theoretical-methodological approach Ethnography based on Geertz's Interpretive Anthropology. This study included 19 university students from a public educational institution. **Results:** from the interpretation of the data, the following themes emerged << The symbolism of the drug >>, << The symbolism of non-drug >>. Alcohol, tobacco, and inhalants were cited as not being drugs. They made the distinction between "strong drug" and "weak drug" hitherto not evidenced in other studies. **Conclusion:** although, for the common sense, the entrance in the higher education is related to the professional growth, there is another side that the educational institutions can not neglect. The university is responsible for education not only for professional autonomy, but also for respect for choices and reception, listening and referrals. **Descriptors:** Students; Ethnography; Drug Users.

RESUMEN

Objetivo: comprender el significado de la droga entre universitarias. **Método:** estudio cualitativo, respaldado en el enfoque teórico-metodológico Etnografía fundamentada en la Antropología Interpretativa de Geertz. Se realizaron parte de este estudio, 19 universitarias de una institución pública de enseñanza. **Resultados:** de la interpretación de los datos, surgieron los siguientes temas << El simbolismo de la droga >>, << El simbolismo de la no droga >>. El alcohol, el tabaco y los inhalantes, fueron citados como no drogas. Se distinguieron entre "droga fuerte" y "droga débil" hasta entonces no evidenciados en otros estudios. **Conclusión:** aunque, para el sentido común, el ingreso en la enseñanza superior esté relacionado al crecimiento profesional, existe otro lado que las instituciones de enseñanza no pueden descuidar. Es competencia de la universidad la educación no sólo para la autonomía profesional, sino también para el respeto de las elecciones y la acogida, la escucha y los encaminhamientos. **Descriptores:** Estudiantes; Etnografía; Usuarios de Drogas.

^{1,5}Enfermeiras, Professoras Mestres em Enfermagem, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Passos. Passos (MG), Brasil. E-mail: jamila_sg@yahoo.com.br; andrea.alves@ifsudeminas.edu.br; ²Enfermeira, Professora Doutora (PhD), Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Alfenas/Unifal. Alfenas (MG), Brasil. E-mail: elizadazio@yahoo.com.br; ³Enfermeira, Professora Doutora em Ciências, Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Alfenas/Unifal. Alfenas (MG), Brasil. E-mail: silvanalf2005@yahoo.com.br; ⁴Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação, Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Alfenas/Unifal. Alfenas (MG), Brasil. E-mail: elisacarneiro07@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores brasileiros e pela sociedade é o uso e abuso de drogas, principalmente, entre universitários.¹ Embora o termo droga, pela racionalidade biomédica, seja determinado a toda “substância não produzida pelo organismo que tenha propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento, podendo ser depressoras, estimulantes e perturbadoras”², neste estudo percebe-se que o significado droga e o seu significado são bem distintos do modelo biomédico.

Desde meados do século XX, as drogas se tornaram uma das maiores estratégias comerciais do mundo, tendo o nível econômico, em termos de insumos, superior aos produzidos pela economia de energia e telecomunicações. Há um enorme interesse nos circuitos de produção, circulação, distribuição e consumo dessas substâncias³. Paradoxalmente, o uso e o abuso dessas drogas podem acarretar sofrimento à pessoa que as consome e à sua família, prejuízos na vida escolar e profissional, o crescimento de delitos e o enriquecimento ilícito, além de contribuir com o aumento da carga global de doenças, resultando em perdas por mortes prematuras e anos vividos com incapacidade.⁴

Na contemporaneidade, com o aumento vertiginoso no consumo de drogas, os pesquisadores têm despertado o interesse para o desenvolvimento de estudos sobre a temática em questão, o que tem provocado inquietações para desenvolver estudos que buscam pela compreensão do significado da droga e do seu consumo entre jovens universitárias. Buscou-se, na literatura, suporte para esta compreensão e constataram-se lacunas na ciência, dada a escassez de estudos etnográficos que buscam pela compreensão do significado da experiência do uso de álcool e ou outras drogas entre mulheres universitárias.

Os trabalhos selecionados⁵⁻⁹ para a revisão de literatura apontam para o uso de álcool e/ou drogas entre universitários como um problema de saúde pública, que necessita de políticas claras, uniformes e efetivas providas das instituições de ensino para melhor enfrentamento, por parte desses indivíduos, no que se refere às drogas, à prevenção e ao tratamento.

Tendo em vista a escassez de estudos qualitativos que abordem essa temática e a necessidade de conjugar saberes, buscou-se, neste estudo, compreender o significado do uso de álcool e/ou drogas entre universitárias,

na perspectiva da pessoa que experiencia o consumo, considerando que todo ser humano é provindo de uma cultura e traz consigo hábitos e costumes que interferem no seu comportamento e ações.¹⁰

Como enfermeiras e docentes, as pesquisadoras deste estudo estão comprometidas com esta questão, pois o enfermeiro desempenha um importante papel na promoção, prevenção, redução de dano, no tratamento e reinserção social das pessoas que fazem uso de alguma droga, seja essa lícita ou ilícita. Sua atuação junto a esse grupo fortalece os fatores protetores, melhorando a autoestima e desenvolvendo estratégias para a manutenção da saúde.¹¹⁻²

OBJETIVO

- Compreender o significado da experiência do uso da droga entre universitárias.

MÉTODO

Estudo qualitativo, ancorado na abordagem teórico-metodológica da Etnografia, fundamentada na Antropologia Interpretativa de Geertz, na busca por uma descrição densa. Justifica-se o seu uso por permitir a compreensão de uma experiência na perspectiva do outro, como é o caso das universitárias que fazem uso de álcool e/ou drogas.

Este estudo foi desenvolvido em uma Instituição Pública de Ensino Superior Brasileira, localizada na região Sudeste, no período de novembro de 2014 a dezembro de 2015. Atualmente, essa instituição oferece cursos de graduação nas seguintes áreas de conhecimento: Ciências da Saúde, Humanas e Sociais Biológicas e Exatas. Constituíam critérios de inclusão universitárias maiores de 18 anos, matriculadas nos cursos de graduação na modalidade presencial e que fizessem uso de álcool e/ou outras drogas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas com autorização, observação participante e anotações em diário de campo. As entrevistas foram realizadas pela autora principal, gravadas em MP4, após autorização, e desenvolvidas com a seguinte questão norteadora: O que significa, para você, ser universitária e consumir álcool e/ou outras drogas?

Realizaram-se, em média, duas entrevistas por participante. Essas tiveram duração média de 40 minutos, foram transcritas logo após a realização, analisadas e arquivadas eletronicamente, utilizando-se o Programa Word. A identificação de cada entrevista se

deu de acordo com sequência de realização com cada participante e está apresentada com a letra E, seguida do número arábico correspondente e nome fictício da participante. Durante a coleta de dados, atentou-se para a compreensão das informações pelas participantes como, também, para o ambiente, facilitando a disponibilidade das informações. Além das entrevistas, foram realizadas observação participante e anotações em diário de campo decorrentes dos encontros durante as entrevistas; nas festas; na instituição de ensino; no bar próximo à universidade, frequentado pelas universitárias, e nas suas residências. Em busca por uma descrição densa, os dados obtidos foram analisados por meio da compreensão do contexto sociocultural, buscando decodificar os sentidos para apreender os significados da experiência do uso de álcool e/ou outras drogas pelas universitárias.¹⁰

Respeitaram-se os preceitos éticos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sendo este estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 822.626. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 19 universitárias que, na época da coleta, usavam álcool e/ou drogas. Houve predomínio da faixa etária de 22 anos, com idade mínima de 19 e máxima de 38 anos, sendo 17 solteiras e apenas uma tinha filhos. No que se refere à moradia, 14 moravam em repúblicas; uma, com os pais e três, sozinhas. Quanto à religião, nove se declararam católicas; seis, espíritas; duas, da seita WICCA e uma não possuía religião. Dezesseis eram dependentes dos pais e familiares financeiramente, 12 não exerciam nenhum um tipo de atividade remunerada e sete eram bolsistas de projetos de iniciação científica. Em relação aos cursos, 13 eram da área de Ciências da Saúde; três, de Ciências Humanas e Sociais e três, de Ciências Exatas. Todas as participantes encontravam-se devidamente matriculadas e cursavam entre o 2º e o 10º período dos cursos. Quanto à dependência em disciplinas, dez estudantes relataram apresentar ao menos uma.

Da interpretação dos sentidos dados à experiência do uso de álcool e drogas entre universitárias, apresentaram-se os seguintes temas: “O simbolismo da droga” e “O simbolismo da não droga”.

♦ O simbolismo da droga

O consumo de substâncias psicoativas acompanha a história da humanidade, pois, praticamente, em todas as culturas, nas mais distintas épocas, essas substâncias foram e estão sendo utilizadas em rituais místicos/religiosos, como mediadoras nos relacionamentos sociais, em festividades ou, ainda, como busca pelo prazer.¹³

Atualmente, o consumo dessas substâncias tem se tornado um fenômeno frequente, principalmente, entre jovens inseridos no contexto universitário. Embora cursar uma universidade indique a oportunidade de crescimento pessoal e profissional e a conquista de liberdade, este período pode se tornar favorável para o envolvimento com o uso de drogas, uma vez que o jovem passa a enfrentar situações críticas como a separação da família, a necessidade de estabelecer novos relacionamentos, de resolver os seus problemas sozinho, além do cumprimento das exigências acadêmicas.⁵⁻⁷

Constatou-se, pelos depoimentos a seguir, que a entrada na universidade traz consigo inúmeras mudanças, inclusive a ruptura com o seio familiar. Embora tenham relatado que os pais eram rigorosos, verificou-se que as participantes aumentaram o consumo de bebidas alcoólicas com o ingresso na universidade, bem como iniciaram o consumo de outras drogas. Tal fato pode estar relacionado à sensação de autonomia, à disponibilidade de drogas no meio acadêmico e, também, ao receio de ostracismo⁶, diante das novas teias de relações que estão sendo tramadas no ambiente universitário.

[...] Antes, eu bebia raramente. [...] fui beber cerveja mesmo quando eu entrei na faculdade, aí aumentou muito a quantidade de bebida (E1 Flávia).

[...] Eu não bebia, comecei a sair e a beber depois que entrei na faculdade (E1 Camila).

Durante os encontros, apreendeu-se que a grande maioria iniciou ou intensificou o uso de álcool e outras drogas após ingressar na universidade. A necessidade de socialização e aceitação pelo grupo foram as principais justificativas para o consumo de drogas.

Embora a família seja considerada como o primeiro agente de socialização e esse meio sociocultural influencie em futuros comportamentos,^{9,14} os depoimentos acima fazem pensar que a cultura é dinâmica, que as pessoas vão estabelecendo novos relacionamentos, novas tramas¹⁰ e algumas pessoas acabam se comportando de acordo com as normas do novo meio sociocultural.

Para as participantes,

[...] A maconha é boa, é uma droga fraca, fica relaxada, fica suave. Tranquilo. Dá muita fome depois, a famosa larica (E2 Liz).

[...] Olha, eu já usei um tantinho bom (maconha). Acho que da primeira até a quarta, eu não senti nada. Depois disso, senti um relaxamento, vejo que é como se eu tivesse tonta sem ter ressaca, sem ter enjoo. Sabe, não dá ressaca, é até melhor, é mais barato e não traz tantos efeitos prejudiciais (E2 Marcela).

Apreendeu-se que uma droga pode trazer sensações de relaxamento ou euforia para as jovens e os significados são compartilhados com o meio sociocultural na produção dos sentidos.¹⁰

As universitárias consideraram:

[...] A cocaína muito forte [...] eu usei minha primeira carreira bem velha, eu não usei na adolescência. Foi uma sensação de muita euforia e, no dia seguinte, eu tive vontade. É como você comer chocolate e ter vontade de comer mais chocolate. É uma coisa muito sutil, se você não se der conta você pega mais e mais (E2 Luiza).

[...] O doce (LSD) que eu usei, eu usei um quarto e fiquei com energia não cansada, usei numa festa. Fiquei a festa inteira sem cansar, mas eu não tive nenhuma alucinação de ver alguma coisa ou sentir alguma coisa, eu só fiquei agitada. O pessoal acostuma usar um quarto ou meio, eu não tive coragem de usar meio porque eu tenho medo. Inteiro é pesado. É forte, fica muito loucão se usar (E2 Liz).

A noção de “droga fraca” e “droga forte”, de acordo com os depoimentos, parece se relacionar com a capacidade de induzir à dependência e provocar alterações de comportamento que levam à agitação. A quantidade também é algo a ser considerado por elas, tendo em vista o comprometimento que o uso desregrado dessas substâncias pode causar à vida delas. Talvez, elas queiram usar para se manter com energia, mas sentem medo de perder totalmente o controle.

Chamou a atenção das pesquisadoras o fato de as participantes relatarem, durante os encontros, consumir álcool socialmente e negarem o uso de qualquer outro tipo de substância que não fosse o tabaco. No entanto, ao acompanhá-las nas festas, constatou-se um comportamento contraditório entre o dito e o não dito. Percebeu-se, durante uma festa, uma das participantes usando lança-perfume por meio de uma garrafa d'água. Não havia receio, por parte dela, em utilizá-lo diante de outras pessoas. A festa era provida de dois ambientes: o sertanejo e o rock. No ambiente “rock”, as frequentadoras consumiam cerveja e outras bebidas, no entanto, o maior consumo era de tabaco e maconha. A maior parte das universitárias fazia o consumo dessas substâncias em grupo. Havia duas bandas,

uma delas fazia constante apologia ao uso de drogas e um dos trechos de sua música dizia:

Chapeleiro louco para sair da realidade (Observação Participante, 22-11-2014).

Para o senso comum, o ingresso na universidade, quase sempre, é visto como um passaporte para a libertação do núcleo familiar e o modelo de criação atual, no qual os pais adotam uma postura permissiva, não impondo regras e limites, pode também contribuir para a exposição desses jovens à experimentação de drogas lícitas e ilícitas¹⁵.

[...] Muda muito! Aqui você está sozinha, sem controle de ninguém, pode fazer o que quiser (E1 Flávia).

[...] A gente tem muita liberdade aqui. A independência ajuda aqui, não tem ninguém vigiando, é cada um por si. (E1 Liz).

A falta de acompanhamento dos pais, durante a vida acadêmica dos filhos, foi citada como um mecanismo facilitador para o consumo de álcool e outras drogas.

[...] O que acontece é que o pai vem aqui, deixa a criatura no primeiro dia de aula e busca na formatura. Não acompanha, não sabe o que está acontecendo, não presencia e, assim, se tornam muito carentes e onde eles encontram atenção eles agarram aquilo. Bebeu demais, fez palhaçada, chamou atenção da turma, então, opa, eu sou legal (E1 Michele).

Embora o depoimento acima aponte para a necessidade de acompanhamento dos pais durante a vida acadêmica dos filhos, não se pode negar que a cultura é dinâmica e que, durante todo o tempo, novas teias estão sendo construídas e a acadêmica deve buscar pela sua autonomia. Compete à universidade a educação para a autonomia não apenas profissional, mas, também, o respeito pelas escolhas e o acolhimento, a escuta e os encaminhamentos necessários. É inegável que a liberdade e a permissividade, em algumas situações, favorecem o consumo dessas substâncias. Além disso, as festas e o próprio ambiente universitário contribuem para essa situação, ao se tornarem um local de propaganda e apologia às drogas, sejam essas lícitas ou ilícitas, e para os universitários se manterem no grupo social, consomem.^{8,16}

Os depoimentos a seguir evidenciam os sentidos atribuídos ao uso das drogas entre as estudantes.

[...] o que eu entendo por droga é o que te mata aos poucos, que te vicia, eu não sou viciada” (E1 Camila).

Situações conflituosas, vivenciadas pelas estudantes no decorrer da vida, possibilitaram o processo de resignificação da droga. O sofrimento vivenciado pelo pai e por toda a família, durante a infância, e o próprio

divórcio, possibilitaram à Luiza dar um novo significado à “droga”:

[...] Prisões. Eu vi muitas pessoas se perderem, pessoas que eu amava se destruírem, não só meu pai, pessoas que eram muito próximas de mim, eu vi um grande desperdício de talentos, eu vejo pessoas perdidas dentro de si mesmas (E1 Luiza).

Diferentemente de Luiza, Érica ressignificou a droga após desenvolver um trabalho junto a um grupo de meninos dependentes. Segundo ela, o contato com os garotos possibilitou perceber que a droga não é brincadeira e, sim, algo que destrói a vida das pessoas. A realidade com a qual se deparou foi, segundo ela,

[...] muito pesada. [...] Muito triste (E2 Érica).

Toda e qualquer pessoa elabora um conjunto de significados que conduz suas vidas, seu modo de pensar, sentir e agir. A interpretação dos signos ou significantes, na produção de significado, constitui-se algo subjetivo que se relaciona com a realidade vivenciada pela pessoa. A interpretação dos acontecimentos é algo que ocorre a todo o momento e, para produzi-la, as pessoas se amparam numa variedade de elementos presentes em seu contexto sociocultural.¹⁰

♦ O simbolismo da não droga

Pelos depoimentos das universitárias, observou-se que o álcool não é caracterizado como droga.

[...] Acho a coisa mais normal do mundo. Homens, mulheres bebem, todos bebem, normal (E1 Camila). [...] o álcool eu sempre lembro estar com os amigos, comemorar, conversar. Como eu não exagero é felicidade (E1 Carla).

Para mim é normal [...] você beber para divertir com os amigos, eu acho que não tem problema (E1 Juliana).

Diferentemente das demais drogas, o álcool é uma substância psicoativa presente praticamente na vida da maioria das pessoas. O seu consumo é considerado socialmente comum, está vinculado a festas e comemorações e a questões valorizadas socialmente, como prazer, liberdade e lazer¹⁷. Acrescenta-se, ainda, que álcool é comercializado legalmente, sofre o mesmo controle de qualidade dos outros alimentos e seu comércio, desde que tributado, é livre, sendo pouco fiscalizado. Todo esse aparato econômico e social faz com que o mesmo não seja intitulado como droga.¹⁸

Reitera-se que o álcool é uma droga utilizada na maioria das sociedades, inclusive, na vida cotidiana de estudantes universitários brasileiros, sendo que a maioria deles costuma

consumir essa substância em festas.¹⁹⁻²⁰ O seu uso excessivo, entre jovens universitários, é maior do que entre jovens da população em geral²¹, pois o meio universitário propicia a experimentação de substâncias psicoativas e os sujeitos, que se relacionam com um maior número de amigos que consomem drogas, apresentam maior probabilidade de uso de álcool ou tabaco.

Percebe-se, também, que o álcool é visto, pela maioria das participantes, como uma fuga da realidade capaz de induzir à felicidade.

[...] As pessoas usam o álcool para tentar se divertir. Sempre tem alguma desculpa para usar, ou porque está feliz e tem que se divertir, ou porque está triste e preciso ficar feliz (Flávia).

Acredita-se que essa busca pela felicidade seja um dos requisitos para viver na sociedade contemporânea, marcada pela cultura midiática que tem, por filosofia, a busca da beleza, da aparência e da felicidade a todo custo.²² Consumir tudo aquilo que elimina a dor e traga a felicidade é o lema, mesmo que seja à custa do uso e abuso de drogas em busca da felicidade. Além disso, as mulheres relatam o uso de substâncias lícitas ou ilícitas para lidar com os seus problemas.²³

Verificou-se, também, que o álcool é usado para a sociabilidade:

[...] Quando entrei na faculdade, todo mundo já bebia e quando ia às festas eu ficava meio deslocada, acho que é ruim você sair com uma pessoa que bebe muito e você não bebe, você fica totalmente deslocada, então, eu entrei no clima (E1 Camila).

O álcool é uma importante substância precursora do processo de desinibição e interação entre as universitárias. Essa foi uma das evidências de estudo²⁴, cujo objetivo foi avaliar as diferenças de gênero sobre as expectativas do uso do álcool. As expectativas sobre o uso do álcool entre homens e mulheres podem influenciá-los de maneira distinta. Ressalta-se, ainda, que nos espaços de convivência da universidade é comum grande quantidade de cartazes de propaganda de festas universitárias onde, além da festa propriamente anunciada, conteúdos relativos ao consumo exacerbado de álcool estão presentes neles, o que propicia sua aceitação e apologia e contribui para a publicidade indireta. A tendência é a aceitação do consumo abusivo de álcool como certo e natural, negligenciando os possíveis danos advindos dele.²⁵

Apesar de estudos afirmarem que o hábito de beber tende a se alterar ao longo tempo, demonstrando que jovens classificados como de baixo risco podem passar a beber de forma

problemática²⁶, os depoimentos abaixo revelaram uma redução do consumo dessas substâncias no decorrer dos anos de faculdade, por meio do uso de estratégias de autocontrole.

[...] Estou formando esse ano. A gente já está mais madura, a gente não quer ficar louca. Igual o povo que está no comecinho da faculdade, a gente bebe mais tranquilo, bebe para curtir mesmo, mas não pra ficar fazendo farra (E2 Camila).

Nos primeiros anos de universidade, o uso de bebidas alcoólicas se intensifica devido à necessidade de interação e aceitação pelos pares. Com o passar do tempo, o aumento das responsabilidades e a cobrança em relação ao futuro profissional fazem com que essas jovens reduzam significativamente o consumo dessas substâncias.

Assim como o significado do uso do álcool e outras drogas foi se alterando no decorrer da formação universitária, o significado do consumo dessas substâncias, no transcorrer da graduação, também se modificou. Essa transformação ocorre sob a apropriação de elementos culturais de um grupo social por outro, mediante o processo de resignificação e o significado do uso dessas substâncias, apreendido na entrada na universidade, pode se alterar no decorrer dos anos de graduação. A cultura é dinâmica e possibilita a modificação de comportamentos que se alteram na medida em que ocorre a interação com diferentes grupos sociais. Assim, o mesmo significativo - droga acaba tendo outro significado.¹⁰

CONCLUSÃO

Ao interpretar os significados atribuídos pelas universitárias à experiência do uso de álcool e/ou outras drogas, reitera-se que o consumo dessas substâncias está relacionado às teias construídas no meio sociocultural de cada uma delas. O álcool foi a substância psicoativa mais consumida.

As participantes relataram amadurecimento, com o passar dos anos, devido ao aumento das responsabilidades e à cobrança em relação ao futuro profissional, favorecendo a redução do consumo de drogas. Verificou-se, ainda, uma distinção entre “droga forte” e “droga fraca”, até então, não evidenciada em outros estudos.

Embora, para o senso comum, o acesso à universidade esteja relacionado ao alcance dos objetivos, é imprescindível que a universidade cumpra seu papel, criando políticas efetivas para o enfrentamento das questões referentes ao uso de drogas e respeitando a autonomia dos universitários.

REFERÊNCIAS

1. Eckschmidt F, Andrade AG, Oliveira LG. Comparison of drug use between Brazilian and American college students and young Brazilian general population. J bras psiquiatr. 2013 July/Sept; 62(3):199-207. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852013000300004>
2. Ministério da Justiça (BR), Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas. Informações sobre drogas: definição e histórico [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2014 [cited 2017 Jan 18]. Available from: <https://www.obid.senad.gov.br/>
3. Carraro TE, Rassool GH, Luis MAV. Nursing formation and the drugs phenomenon in the South of Brazil: nursing students' attitudes and beliefs on care. Revista Latino-Am Enfermagem. 2005 Oct;13(Spe 2):863-71. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000700014>
4. United Nations Office on Drugs and Crime. World Drug Report 2014 [Internet]. New York: United Nations; 2014 [cited 2017 Jan 15]. Available from: https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/WDR2014/World_Drug_Report_2014_web.pdf
5. Nóbrega MPSS, Simich L, Strike C, Brands B, Giesbrecht N, Khenti A. Simultaneous polydrugs use among undergraduate students of health sciences of one university: gender, social and legal implications, Santo André - Brazil. Texto contexto-enferm. 2012; 21(Spe):25-33. Doi: [10.1590/S0104-07072012000500003](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000500003)
6. Moraes DPA, Medeiros GMR, Caldas FAXB, Oliveira LA, Baldaçara L. Prevalence of psychotropic drug use by medical students from University Federal Tocantins. Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo [Internet]. 2013 [cited 2017 Jan 15];58(3):127-33. Available from: http://www.fcmsantacasasp.edu.br/images/Arquivos_medicos/2013/58_3/05-AO59.pdf
7. Zeferino MT, Hamilton H, Brands B, Wright MGM, Cumsille F, Khenti A. Drug consumption among university students: family, spirituality and entertainment moderating influence of pairs. Texto contexto-enferm. 2015; 24(Spe):125-35. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015001150014>
8. Peuker AC, Fogaça J, Bizarro L. Expectations and problematic drinking among college students. Psicol Teor e Pesq. 2006 May/Aug;22(2):193-200. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000200009>

9. Ballantine JH, Roberts KA. Our social world: introduction to sociology. Thousand Oaks: Sage Publications; 2014.

10. Geertz G. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC; 2014.

11. Lopes GT, Luis MAV. Nursing formation and the drugs phenomenon in the state of Rio de Janeiro - Brazil: attitudes and beliefs. Rev Latino-Am Enfermagem. 2005 Oct;13(Spe 2):872-9. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000700015>

12. Ferreira ABH. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3rd ed. Curitiba: Positivo; 2004.

13. Neves ACL, Miasso AI. "An attractive force": the meaning of drugs to users from an island in Cape Verde. Rev Latino-Am Enfermagem. 2010 May/June; 18(Spe):589-97. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692010000700015>

14. Ryan C, Russell ST, Huebner D, Diaz R, Sanchez J. Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. J Child Adolesc Psychiatr Nurs. 2010 Nov; 23(4):205-13. Doi: [10.1111/j.1744-6171.2010.00246.x](http://dx.doi.org/10.1111/j.1744-6171.2010.00246.x)

15. Picoletto E, Libardoni LFC, Migott AMB, Geib LTC. Prevalence and factors associated with psychoactive substances consumption for academics of nursing of the University of Passo Fundo. Ciênc Saúde Coletiva. 2010 May;15(3):645-54. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000300006>

16. Oliveira EB, Cunningham J, Strike C, Brands B, Wright MGM. Perceived norms of peer alcohol use among university students. Rev Latino-Am Enfermagem. 2009; 17(Spe):878-85. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692009000700019>

17. Pereira MO, Vargas D, Oliveira MAF. Reflection on the policy of the Brazilian ministry of health for the care of alcohol and other drugs users under the view of the sociology of absences and emergencies. SMAD Rev eletrônica saúde mental álcool drog. 2012 Jan/Apr;8(1):9-16. Doi:

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v8i1p9-16>

18. Fiore M. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. Novos estud CEBRAP. 2012 Mar;92(1):9-21. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002012000100002>

19. Teixeira RF, Souza RS, Buaiz V, Siqueira MM. Psychoactive substance use among

Espírito Santo Federal University odontology students. Ciênc saúde coletiva. 2010 May; 15(3):655-62. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000300007>

20. Morera JAC, Parada AR, Ogowewo B, Gough H, Alava MMS, Zeferino MT, et al. The role of family relations, spirituality and entertainment in moderating peer influence and drug use among students of eight universities from five countries in Latin America and three from the Caribbean. Texto contexto-enferm. 2015;24(spe):106-16. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015001130014>

21. Van Damme J, Maes L, Clays E, Rosiers JF, Van Hal G, Hublet A. Social motives for drinking in students should not be neglected in efforts to decrease problematic drinking. Health Educ Res. 2013 Aug;28(4):640-50. Doi: [10.1093/her/cyt036](http://dx.doi.org/10.1093/her/cyt036)

22. Bauman Z. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar; 2007.

23. Morrongiello BA, Dawber T. Mothers' responses to sons and daughters engaging in injury-risk behaviors on a playground: Implications for sex differences in injury rates. J Exp Child Psychol. 2000 June; 76(2):89-103. Doi: [10.1006/jecp.2000.2572](http://dx.doi.org/10.1006/jecp.2000.2572)

24. Fachini A, Furtado EF. Alcohol use and drinking expectations among college students: an analysis of sex differences. Psic Teor e Pesq. 2013 Oct/Dec;29(4):196-223. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000400008>

25. Musse AB. Apology for alcohol use and abuse among university students: an analysis of university party posters. SMAD Rev eletrônica saúde mental álcool drog. 2008;4(1):1-10. Doi:

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v4i1p01-13>

26. Pillon SC, Santos MA, Gonçalves MAS, Araújo KM. Alcohol use and spirituality among nursing students. Rev Esc Enfem USP. 2011 Mar;45(1):100-7. Doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000100014>

Submissão: 18/02/2017

Aceito: 22/09/2017

Publicado: 15/10/2017

Correspondência

Jamila Souza Gonçalves

Rua Mário Ribola, 409

Bairro Penha II

CEP: 37903-358 – Passos (MG), Brasil